

Dossiê Temático

**Criação, arte, movimentos
e manifestações:
lugares de resistência
e de re-existência**

**Creation, Art, Movements
and Manifestations:
Spaces of Resistance
and Re-existence**

YARA FELICIDADE DE SOUZA REIS ¹

BRUNO VENÂNCIO²

COORDENAÇÃO DE

¹ NEHSC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-4587-013X>.

² Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1167-4671>.

A pre sen tação

Presentation

YARA FELICIDADE DE SOUZA REIS¹
BRUNO VENÂNCIO²

De todos os lugares emanam vozes. Algumas vozes são claras e distintas, outras desaparecem na distância. A questão é, aparentemente, uma questão física, de proximidade entre o lugar da emissão e o lugar da recepção da voz. É audível um sussurro dito ao ouvido, mas alguém que está longe e quer captar a nossa atenção tem de gritar. Se o grito for lançado de muito longe, há um intervalo entre a capacidade de alcance do ouvido e a capacidade de alcance da voz;

¹ NEHSC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-4587-013X>.

² Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1167-4671>.

não ouvimos um grito lançado de muito longe: é abafado, é absorvido, é ruído de fundo.

Apesar de tudo, emanam vozes, de todos os lugares, num esforço de aproximação. Uma voz é uma petição de cuidado. É um som produzido por alguém que se quer fazer ouvir, que quer ser ouvido, que quer que alguém o ouça. Uma voz é uma forma de superar uma distância. Se o abismo entre a capacidade de alcance do ouvido e a capacidade de alcance da voz não foi superado, se essa voz que tenta captar a nossa atenção é ainda, apesar do esforço, pouco mais do que silêncio, o esforço deve ser partilhado – compete a um ouvinte atento aproximar-se para escutar.

Este Dossier é um esforço ativo de aproximação a quem fala, de escutar algumas vozes que, quotidianamente, deixamos por ouvir.

As vozes de que, enquanto ouvintes, ativamente nos aproximamos para escutar são vozes à margem, encerradas em margens e que, apesar de tudo, persistem, resistem e reexistem sempre. São vozes de quem, através da arte, da criatividade, nos obriga a repensar o nosso lugar, enquanto ouvintes, e a repensar o lugar dos que falam.

Este dossier temático pretende abordar a arte e a criação artística a partir das suas múltiplas linguagens e pluralidades, privilegiando a reflexão e a problematização dos vínculos e das

interações entre quem fala e quem escuta. Por lugares de resistência e de reexistência, entende-se os lugares nos quais a luz não incide habitualmente e cujo desvelamento re-significa o mundo, instiga mudanças sociais e políticas, dissolve hierarquias comuns, produz novas relações entre falantes e ouvintes.

Yara Reis propõe-nos uma visita guiada à obra de Lina Bo Bardi e ao pensamento que está por trás da construção do Centro de Cultura e Lazer do SESC Pompeia, na cidade de São Paulo. O SESC – Serviço Social do Comércio é uma entidade privada que elaborou, em 1945, uma Carta da Paz Social, uma tomada de posição dos empregadores brasileiros a favor da justiça social e que constitui a base social de um projeto cultural e educativo que visa a inovação e a transformação social.

Pedro Soares Neves contextualiza as manifestações de arte urbana, extraíndo e propondo conceitos que permitem questionar e refletir sobre os valores que transporta e transmite – valores socioculturais, políticos, históricos, simbólicos e económicos.

Casé Angatu reflete sobre a palavra «arte»: como a arte, enquanto parte da natureza e da espiritualidade, é intrínseca à prática de alguns povos originários, como a arte constituiu um foco de resistência a tentativas de invasão, de etnogenocídio, de implantação colonial e, principalmente, como a arte constitui um nú-

cleo onde os povos originários encontram condições de reinvenção e de reexistência.

Carlos Gonga Pascoal propõe uma chave de leitura para «Nascimento de um mundo», de Mário Lúcio Sousa, uma obra épica, de cariz poético-documental, que, enquanto assiste ao nascimento de Cabo Verde, faz nascer uma nova poesia cabo-verdiana.

Teresa Veiga Furtado pede-nos que olhemos o corpo racializado e objeto de violência de videoartistas feministas que, através de imagens e narrativas autorreflexivas, procuram libertar-se de classificações discriminatórias e repressivas e recuperar o controlo e a posse plena da sua identidade e autodeterminação.

Aproximemo-nos das vozes que falam – e comecemos, então, a escutar.